



«OS GASOLINAS», barcos, chatas e barcaças de toda espécie vão trazendo a provisão de melancias. Se discutíssemos de dados estatísticos, verificaríamos que a quantidade consumida nesse dia de festa é deveras assombrosa. Dêsse ancoradouro são as melancias distribuídas aos milhares, de presente, na tradicional festa, servindo como espécie de indulgência religiosa

A FESTA DA MELANCIA

SE perguntarmos ao carioca se já foi ao Pão de Açúcar, ao novaiorquino se subiu à Estátua da Liberdade e ao parisiense, à Torre Eiffel, noventa e nove vezes em cem receberemos a resposta:

Ainda não...

É a velha história: o turista conhece melhor que nós a nossa cidade... Não fugimos à regra. Ainda não conhecíamos a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. No entanto, há apenas oitenta anos que ela se repete tradicionalmente. Desde 1871. Cada vez com maior popularidade. Este ano fomos vê-la.

Em 2 de fevereiro — dia da Santa — a real e valerosa Pôrto Alegre tinha um ar festivo. Ao apanhar o lotação o «chauffeur» comentou risonho:

A FESTA DE N. S. DOS NAVEGANTES É UMA DAS POU-CAS TRADIÇÕES POPULARES QUE PÔRTO ALEGRE CON-SERVA ★ O APELIDO NADA TEM DE PEJORATIVO. REVELA APENAS A VERVE DO PORTO-ALEGRENSE

Texto e fotos de CARLOS GALVÃO KREBS

— Hoje a gente vai ficar lá, come uma melancia por tradição, e está pronta a festa.

A voz de melancia, vagas recordações se avivaram na memória. Melancia... melancia... Como é que se dizia da festa de Navegantes? A resposta foi dada por um

casal, ao saltarmos no fim da linha:

— Navegantes é mesmo a Festa da Melancia...

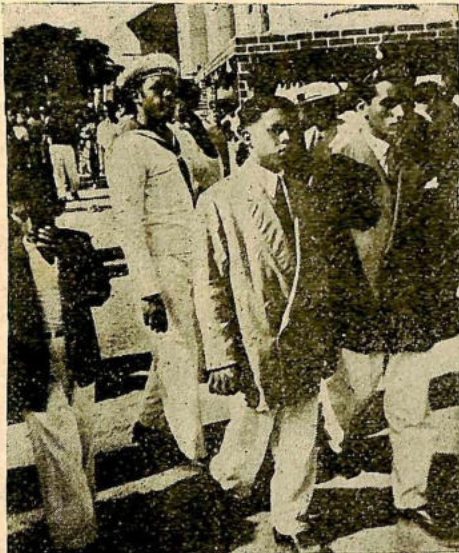
Era isso mesmo: a festa da melancia! Não tivemos tempo de gozar o sabor do apelido. Entramos no redemoinho esbarrando aqui, esbarrados mais adiante, com os ouvidos

martelados pelos pregões mais estranhos. Pela estridência de mil alto-falantes também. Se não eram tantos, pelo menos garracia. Estávamos em plena festa, no centro do largo fronteiro à igreja. O povo borborinhava indo e vindo. O sol ora se escondia atrás das nuvens, ora rebentava na pele da gente como ferro em brasa.

Ao redor e cercando a praça, uma infinidade de tendas: Churrascaria Sumaré, Tenda das Serraninhas, Churrascaria Tupi, Maria Bonita, Churrascaria São Luís, Carmelito Ingrato, Churrascaria São Nicolau, Barraca Pescador Gaúcho, Tenda Deus Te Ajude, Churrascaria Santa Catarina, Tenda Araribóia, Churrascaria Marujo... Como se vê, muito explicitamente as churrascarias predominam. Havia mais: Tenda



FLAGRANTE da tradicional festa que se realiza desde 80 anos passados. Ao fundo, a Igreja de N. S. dos Navegantes



Esse FOI o único marinheiro de nossa Armada que apareceu na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, este ano



E ASSIM que os grupos pagam seu tributo à tradição da festa. Reparem na maneira de a fazer: sem cerimônia

de Argolas, Vira-Paus Brasil, Tenda Nossa Amizade, Churrascaria (ainda!) Céu Azul e inúmeras barracas de tiro ao alvo. Uma destas tinha vistosos dizeres, nos quais a ignorância conseguira um surpreendente trocadilho:

«TIRO DE PREÇÃO: 4 TIROS = Cr\$ 2,00»

O vira-paus nada mais é do que tiro ao alvo... com bolas jogadas à mão, para derrubar pequenos toros de madeira, empilhados em pirâmides. Uma tenda fêz-nos rir bastante. Era o «Ninho da Coruja». Os projéteis, simplesmente bolas de meia, daquelas com que a garotada joga futebol no meio da rua. Até aí nada de mais. Os alvos é que eram a coisa. Figuras de mulher, com asas, sugerindo corujas. E as mulheres, em traje de banho «deux pièces», num grotesco arremêdo dos atômicos «maillots Bikini»... Logo adiante sentimo-nos novamente crianças: alvo com bодоques. O proprietário disse-nos com ar de desprezo pelas novas gerações:

— A gurisada de hoje chega aqui e «se micha»... Os velhos é que são bons: dão cada bодосаço! Bem no alvo...

Vamos caminhando e ouvindo os altofalantes:

— Alô, alô! atenção! Senhorita Olmerinda Nogueira! O jovem José Fagundes, seu eterno admirador, lhe dedica em homenagem o Trevo de Quatro Folhas!

Ou isto:

— Atenção! Alô, alô! Menina Maria de Quincas, sua mãe lhe espera na entrada do carrossel!

De vez em quando se chocavam no ar duas músicas. Uma dos amplificadores, outra da banda da Casa de Correção, que tocava no coreto em forma de guarda-sol.

Em tudo há um certo que lembrando a Lavagem do Bonfim, na Bahia. Lá a festa é mais colorida, mais bonita até. Aqui, ao invés do acarajé sarapatel, xinxim ou vatapá, assim dizem as tabuletas nas tendas onde, se come: churrasco, galinha assada, linguiça ao espêto, bolinhos de bacalhau, leitão assado. Mas, apesar das diferenças regionais, o espírito é o mesmo. E' o povo que se diverte à frente da igreja, sob o pretexto de festa religiosa. Além da cozinha existe ainda outra diferença. E esta é mais profunda. A festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no Sul, é criação de brancos. A lavagem do Bonfim é produto negro, eminentemente negro. Basta olharmos para as fitas que guarnecem a imagem da devoção sulina. Azul-celeste, branco e rosa. Côres delicadas, de gosto já requintado. E as «medidas» do Senhor do Bonfim? A exceção do branco, que é uma côr universal, tôdas as outras quatro — do conjunto que os ortodoxos dizem autêntico — são côres vivas, berrantes. Denunciam flagrantemente o gosto primitivo: verde-bandeira, amarelo vivo, azul-marinho e encarnado. Se não bastasse a observação folclórica, aí estão a crônica da festa dos Navegantes de um lado, e o velho Nina Rodrigues, de outro, para confirmá-lo. Afirma a crônica que a devoção sulina foi iniciada em Pôrto Alegre exatamente por lusitanos, que encomendaram de Portugal a imagem da padroeira. Até o nome de alguns ainda se sabe: Antônio Campos, Francisco Lemos Pinto, João José de Farias, Joaquim Assunção. O do artista que esculpiu a imagem também: João Lapa. Na Bahia, já em fins do século passado demonstrava Nina Rodrigues que a lavagem do Bonfim nada mais era do que a «lavagem do santo», cerimônia do ritual fetichico enxertado na devoção católica pela população negra. Não é por nada que o clero haiano vem tentando acabar com a tradição...

Mas a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, se foi na origem uma devoção de brancos, hoje é de tôdas as côres, felizmente. De brancos, pretos e mulatos. Só a liberdade poética autoriza ao compositor gaúcho a dizer com música:

«A festa dos Navegantes
E' a festa da gente do povo,
Preferida pelas mulatinhas de rostos
[trigueiros,
Frequentada pelos marujos e pelos bom-
[beiros...»

Porque sucedeu com ela o contrário do

NO CONVES dos barcos, nas cabines e até na ponte de comando, só se vê melancias!

